



## **Geo(bio)grafias: memórias da escola e prática de formação docente**

**Simone Ribeiro Santos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

ssoliveira@uneb.br

**Jussara Fraga Portugal**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

jportugal@uneb.br

**Hanilton Ribeiro de Souza**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

hrsouza@uneb.br

**Resumo:** Este trabalho versa sobre narrativas que comportam histórias de vida, memórias das experiências formativas nas trajetórias de escolarização e aprendizagens geográficas de graduandos do curso de licenciatura em Geografia, do Departamento de Ciências Humanas (DCH V), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Trata-se de uma ação didático-pedagógica realizada no âmbito do componente curricular Prática de Ensino em Geografia I, ancorada na tríade – formação docente, ensino de Geografia, experiências. O objetivo foi conhecer as histórias de vida e as itinerâncias formativas, com ênfase nas memórias da escola, a fim de compreender como estas reminiscências da Geografia ensinadas e aprendidas na Educação Básica permeiam e fundamentam as concepções dos(as) futuros(as) docentes de Geografia.

**Palavras-chave:** geografia escolar; memorial; prática pedagógica; formação docente.

### **Introdução**

Por meio da narrativa nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã. Memória e imaginação amalgamam-se nesse processo (Bruner, 2014, p. 103).

Esta proposição está inserida na proposta de investigação-formação do projeto “Traduzindo-me: narrar histórias, geografar trajetórias” (2006), o qual se encontra ancorado na abordagem qualitativa e nos referenciais teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, cujo objeto versa sobre as histórias de vida, as trajetórias de escolarização, as memórias da escola e as itinerâncias formativo-acadêmicas de professores de Geografia em formação inicial. As ações do referido projeto são empreendidas nos componentes curriculares Prática de Ensino de Geografia I, II, III e IV, ofertados na primeira metade do curso, do primeiro ao quarto semestre, e Estágio Curricular Supervisionado I, II, III e IV na segunda metade do curso de licenciatura em Geografia, do quinto ao oitavo semestre, tendo



como estratégias formativas e fontes de pesquisa: o memorial – Passeggi (2008a, 2008b), Passeggi e Barbosa (2008), Prado e Soligo (2007), Severino (2001) e Souza (2006) –, cujas narrativas (auto)biográficas contemplam as interfaces entre as dimensões da memória dos percursos formativos do/no cotidiano escolar e das aprendizagens na universidade no que concerne à formação docente; o diário de formação – Hess (2006), Quiceno (2003), Souza e Cordeiro (2007), e Zabalza (2004); e o portfólio – Frison e Simão (2011), Sá-Chaves (2005) e Villas Boas (2005) –; dispositivos que comportam as situações experienciadas durante os quatro períodos correspondentes aos estágios curriculares supervisionados.

A escrita do memorial de formação foi mobilizada a partir das seguintes temáticas: 1) “Traduzindo-me em palavras: histórias de uma vida”; 2) “Memórias da escola: vivências e experiências”; 3) “Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas”; 4) “Memórias da escola: livro didático”; 5) “Memórias escolares: assim fui avaliado(a)”, pois para Bragança e Maurício (2008, p. 263), o memorial pode ser compreendido como “[...] documento de natureza autobiográfica, onde o narrador retoma sua trajetória de vida, a partir de objetivos previamente definidos”.

O diário de formação se constitui como uma escrita reflexiva sobre o vivido no decurso das atividades de observação, coparticipação e regência do estágio supervisionado, pois é um dispositivo autoavaliativo que proporciona ao graduando, professor de Geografia em formação inicial, registrar as experiências e dificuldades vinculadas às atividades realizadas, sobretudo durante os estágios. Para Hess (2006, p. 92), o diário de formação “mais que todas as outras formas de escrito, explora a complexidade do ser” e, segundo Zabalza (2004), a utilização do diário possibilita ao professor narrar as situações vivenciadas no/sobre o saber-fazer profissional, ao registrar suas ações e reflexões, atribuindo sentido e significados às próprias experiências, à formação e à identidade profissional, ao refletir sobre as vivências narradas no cotidiano escolar e no momento de experienciar, na prática, situações de aprendizagem da docência.

Já o portfólio reúne todas as atividades planejadas durante o desenvolvimento das atividades planejadas e realizadas durante os estágios supervisionados.

Este projeto de investigação faz parte do escopo da pesquisa-âncora “Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, reminiscências e narrativas” (2023), a qual busca demarcar um objeto instituído pelas inter-relações mútuas entre memórias, expressões identitárias e narrativas sobre acontecimentos, vivências, experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos.

O trabalho justifica-se pela relevância em conhecer e compreender as histórias de vida e de formação dos graduandos em licenciatura em Geografia, a fim de refletir como as lembranças da escolarização e as aprendizagens geográficas constituem e fundamentam a visão de mundo dos sujeitos. A opção pelo método (auto)biográfico, na perspectiva da pesquisa narrativa, justifica-se pela intenção de conhecer os sentidos atribuídos pelos licenciandos, acerca de suas recordações, seus itinerários, suas vivências e suas experiências nos percursos de escolarização e, sobretudo, às aprendizagens da Geografia Escolar.

Segundo Delory-Momberger (2008, p. 36), “[...] quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. [...] de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias”. Nesse sentido, em relação ao memorial, fonte de recolha de informações nesta investigação-formação, trata-se de um texto escrito em primeira pessoa que apresenta os eventos, fatos, acontecimentos que compõem as trajetórias de vida, formação e profissão dos licenciandos em Geografia. Desse modo, a escrita de si, no formato memorial, constitui-se como uma forma de registro de vivências, experiências, acontecimentos, memórias, reflexões e se traduz em uma narrativa emaranhada de histórias, sentimentos e valores que compõem o processo de vida-formação do sujeito.

A composição dos enredos das narrativas é elaborada conforme o modo singular do sujeito narrador conceber a sua vida, sentindo-se livre para elaborar a sua escrita, ao rememorar as experiências, os lugares da(s) escola(s), os professores e suas práticas e as aprendizagens da Geografia nos percursos de formação escolar.

## **1 Memórias da escola e outras histórias: o que revelam as narrativas?**

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa da nossa vida (Delory-Momberger, 2008, p. 37).

As narrativas são importantes fontes de recolha de dados sobre a escola. Ao evocar as memórias da escola, os colaboradores desta pesquisa nos permitem conhecer seus processos de escolarização, as aprendizagens construídas, as experiências vivenciadas, os professores referências, os fatos e acontecimentos mais marcantes em suas vidas, o porquê de terem escolhido o curso de licenciatura em Geografia, entre tantas outras histórias.

Assim narrou um professor de Geografia em processo de formação inicial:

Durante meu processo de adaptação ao Ensino Fundamental, tive contato com diversas experiências. Uma delas foi a presença de novas pessoas que futuramente se

tornariam meus amigos até os dias atuais. Infelizmente, esse período também foi marcado por ser uma época de *bullying*. Por ser um garoto baixinho e gordinho, minha vida no Ensino Fundamental foi muito difícil. As piadas sobre mim eram muito tenebrosas, as gargalhadas e os desenhos que faziam para me ridicularizar ficaram marcados na minha memória. Cheguei a um ponto em que não queria mais frequentar a escola devido ao *bullying* constante. No entanto, tive uma professora chamada Nady, foi quem mais me ajudou nessas dificuldades e me incentivou através dos estudos. Nady ficou marcada na minha vida por me apresentar as diversas matérias [...]. Sempre curioso, fui me destacando significativamente em todas as turmas pelas quais passei no Ensino Fundamental em Maragogipinho. Grande parte delas, fui líder, um aluno exemplar, tudo isso graças à minha antiga professora Nady. Ela me mostrou o lado da educação que eu não enxergava (Márcio Gustavo Duarte dos Santos<sup>1</sup> – Narrativa 2 – Memórias da escola: vivências e experiências).

Ao revisitar as memórias do tempo da escola, ainda no Ensino Fundamental I, o graduando Márcio Gustavo, em sua narrativa, destaca dois episódios que marcaram a sua trajetória escolar. O primeiro versa sobre o sofrimento causado pela prática de *bullying* promovida por seus colegas. O fato de ter sido uma criança baixa e gorda foi um desencadeador de alguns traumas durante um certo tempo escolar, decorrente desse tipo de violência, ainda hoje muito presente no espaço escolar. O segundo episódio narrado retrata a presença marcante da professora Nady. Em suas memórias, o graduando rememorou que foi esta professora que o ajudou a superar as dificuldades durante um período de escolarização, ao apresentar as diversas matérias escolares, mobilizando-o a estudar, a querer ser e fazer diferente, ao lhe proporcionar uma educação diferenciada.

A narrativa da graduanda Juliana Santos Sena comporta memórias sobre o período de estudo no Ensino Fundamental e Médio. A centralidade de abordagem comporta as memórias que guarda dos professores de Geografia que atravessaram a sua trajetória escolar. Vejamos:

Eu não me recordo de muitas coisas, [...]. Não lembro muito de Geografia na escola, eles tratavam como algo supérfluo. Não tive nenhum professor graduado na matéria e a Geografia sempre foi dada por alguém com outra graduação. Então, eles nem tinham apego à disciplina, escreviam o que dava na telha [...]. Eles avaliavam a gente com provas e testes, somente isso. Não tínhamos aula de campo ou algo divertido, como seminários, na matéria de Geografia. Já no Ensino Médio, tive um professor que era formando em Geografia, Lécio. Ele era um senhor de idade que fazia ditado com a gente: ele ditava os nomes dos países e a gente escrevia. E só falava de globalização. Do primeiro até o terceiro ano do ensino médio, esse foi o conteúdo ensinado. Ficava só chamando a atenção da gente: ‘Olhem pra cá’, ‘olhem pra mim’, ‘prestem atenção’. Quando tinha aula dele, todo mundo ia pra casa porque ele era tão chato (Juliana Santos Sena – Narrativa 3 – Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas).

---

<sup>1</sup> Os colaboradores deste texto são identificados pelos seus respectivos nomes de batismo, conforme termo de autorização concedido aos pesquisadores, autores desta escrita.

Ao interpretar o excerto da narrativa da graduanda Juliana Sena, destacamos duas questões importantes, a saber:

- 1) a ausência de referência de um professor de Geografia licenciado no Ensino Fundamental e a presença de um professor licenciado no Ensino Médio;
- 2) o modo de ensinar conceitos e temas da Geografia na escola e as estratégias de ensino dos professores.

Sobre as questões mencionadas, é possível afirmar que ainda é recorrente, sobretudo no interior do estado da Bahia, encontrarmos professores sem formação inicial específica para atuar no componente curricular ao qual foi designado a ministrar na escola, apesar de todo o esforço público em oferecer programas de formação docente, como o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), cujo objetivo é qualificar professores da Educação Básica em exercício nas redes públicas de ensino.

O Parfor é uma iniciativa estratégica do Ministério da Educação (MEC), em parceria com estados e municípios brasileiros, que oferta cursos de segunda licenciatura em várias regiões do Brasil para que os professores possam ter a habilitação específica para atuar no magistério da Educação Básica.

Sobre a outra questão que emerge da narrativa da graduanda Juliana Sena, é possível inferir que é imprescindível que os professores abordem diferentes temáticas que compõem o currículo da Geografia na escola, bem como é necessário diversificar as estratégias de ensino, fazer uso de diversas linguagens – música, literatura, cinema, charges, tiras, mapas, fotografias, jogos, entre outras – para mobilizar os estudantes e aproximar os temas e conceitos da Geografia.

A ausência de boas memórias sobre a Geografia ensinada na escola também foi sinalizada por Brenda Santos, cujas histórias estão grafadas na narrativa a seguir.

Não tenho boas lembranças da Geografia que aprendi no Ensino Fundamental ou da falta dela na verdade, era uma matéria que me passava muito despercebida não me causava muito efeito, as minhas professoras tinham um método de ensino muito chato, aquele ensino totalmente tradicional baseado no livro didático, um verdadeiro copia e cola, lia um texto, passava questões e acabou, meu ensino fundamental inteiro foi assim, do 1º ao 5º foi e do 6º ao 9º quando começa a ter a matéria individualmente tive duas professoras nesse meio tempo, pela minha lembrança as duas eram formadas em Geografia mesmo, mas não mudava em muita coisa porque às vezes nem elas sabiam muito o que nos falar. Já no ensino médio, o meu professor de Geografia era um bom professor, tinha seus problemas como pessoa, mas tinha um ensino incrível, ele era o professor que todos tinham respeito e medo também de perder na matéria dele, ele era muito rigoroso com celular na sala de aula e, por isso, era a única disciplina que todos os alunos prestavam atenção e realmente se esforçava para aprender porque não era o tipo do que aceitava bajulação ou tinha algum tipo de favoritismo e todos tinham que se esforçar igualmente. Comparando todos os professores que tive, sinto que ele foi um dos únicos que conseguia



transformar a informação acadêmica em uma informação escolar, então, por isso tenho uma certa admiração por ele por ter nos mostrado que a Geografia não era aquela coisa chata do fundamental (Brenda Santos – Narrativa 3 – Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas, 2025).

A narrativa da graduanda Brenda Santos se aproxima da professora em formação inicial Juliana Sena ao rememorar o modo como seus professores ensinavam conceitos e temas da Geografia na escola e as estratégias utilizadas pelos professores que tivera no Ensino Fundamental II, conhecidas como tradicionais e mnemônicas. Essa situação mudou no Ensino Médio, quando passou a ter um professor de Geografia que fez a diferença, que mostrou uma Geografia vivida, importante para a formação do sujeito.

### **Considerações finais**

As narrativas (auto)biográficas dos acadêmicos (graduandos), interpretadas e analisadas, destacam vivências no contexto escolar, apontam a relevância da escola e dos professores e descrevem algumas situações didático-pedagógicas que configuram o modo como foram construídas aprendizagens de conceitos e temas da Geografia na escola. Destaca-se que os(as) graduandos foram orientados a escreverem narrativas, a partir das temáticas escolhidas para a escrita do memorial, a saber: 1) “Traduzindo-me em palavras: histórias de uma vida”; 2) “Memórias da escola: vivências e experiências”; 3) “Memórias da escola: histórias, experiências e aprendizagens geográficas”; 4) “Memórias da escola: livro didático”; 5) “Memórias escolares: assim fui avaliado(a)”. Dessa forma, por meio das temáticas do memorial, os(as) professores em formação inicial puderam narrar suas trajetórias vivenciais e formativas, especialmente no campo da Geografia, ensejando um processo de investigação e autoeducação, pois, em contato consigo mesmos, puderam refletir sobre as ações dos demais sujeitos – professores(as) de Geografia (heteroformação), sobre o espaço vivido e suas experiências – escola, processos e regulações (ecoformação), bem como sobre suas próprias ações (autoformação), para compreensão de sua trajetória vivencial e formativa e intervenção na realidade (Dominicé, 2014; Pineau, 2014).

Enfim, as narrativas (auto)biográficas dos(as) estudantes do curso de licenciatura em Geografia, do Departamento de Ciências Humanas (DCH V), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), interpretadas e analisadas, revelam e desvelam geo(bio)grafias, ao colocar em cena vivências no contexto escolar, histórias que apontam a relevância da escola e dos professores da Educação Básica. Isso ganha ênfase quando descrevem algumas situações que configuram aprendizagens de conceitos e temas da Geografia na escola, ou seja, experiências formativas que, de certo modo, subsidiam as percepções que têm em relação a essa



ciência/disciplina, à docência e sua práxis pedagógica que, após compreendidas, devem ser trabalhadas na formação docente, a fim de que a Geografia a ser ensinada deva ser contextualizada e socioespacialmente relevante para os estudantes, superando a Geografia aprendida, cujas práticas relatadas, de modo geral, abordavam os conteúdos, muitas vezes, distanciados da realidade cotidiana dos estudantes.

Por fim, compreendemos, nas entrelinhas, que essas narrativas evidenciaram, sobretudo, a concepção de uma Geografia livresca, descritiva, mnemônica e fragmentária. Assim, ao traduzir em palavras as memórias que guardam da escola, os graduandos, como narradores-autores e personagens de suas histórias, no contexto – espaço e tempo – da formação docente, refletem sobre o vivido e são instigados a pensar sobre o tornar-se e ser professor.

## Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 253-271.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura e vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução de Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EdUFRN, São Paulo: Paulus, 2014. p. 77-90.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica: narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, maio/ago. 2011.

HESS, Remi. Momento do diário e diário de momentos. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EdPUCRS; Salvador: EdUNEB, 2006. p. 89-103.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 111-140.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. Memórias, memoriais: o que há de memorável? *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel



Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 15-24.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a. p. 27-42.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução biográfica. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus; Natal: EdUFRN, 2008b. p. 103-131.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução de Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EdUFRN, 2014. p. 91-109.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais**: identidades, reminiscências e narrativas. Serrinha: Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2023. Projeto de Pesquisa. Digitalizado.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **Projeto traduzindo-me**: narrar histórias, geografar trajetórias – uma proposta de investigação-formação em Geografia. Serrinha: Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2006. Digitalizado.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59.

QUICENO, Diana Victoria Jaramillo. **(Re)constituição do ideário de futuros professores de Matemática num contexto de investigação sobre a prática pedagógica**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SÁ-CHAVES, Idália. Nota de apresentação. *In*: SÁ-CHAVES, Idália (org.). **Os “portfólios” reflexivos (também) trazem gente dentro**: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005. p. 7-19.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de; CORDEIRO, Verbena aria Rocha. Por entre escritas, diários e registros de formação. **Revista de Educação CEAP**, Salvador, v. 2, p. 44-49, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EdUNEB, 2006.

VILLAS BOAS, Benigna Maria e Freitas. O portfólio no curso de Pedagogia: ampliando o diálogo entre professor e aluno. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 90, p. 291-306,



2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a13v2690.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.